

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Europa Contra Trump — Prudência, Medo ou Apenas Memória da Catástrofe?

Publicado em 2026-04-04 17:28:56



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Europa, embora os interesses europeus estejam directamente em causa.

- Bruxelas insiste em cessação das hostilidades, cessar-fogo e regresso à diplomacia, recusando uma deriva para guerra aberta sem horizonte político claro.
- O Estreito de Ormuz tornou-se o grande nervo exposto da crise, com impacto imediato em energia, comércio e inflação.
- O Irão demonstra capacidade real de chantagem estratégica, mesmo sob forte pressão militar.
- Trump percebeu talvez mais cedo do que muitos europeus que Teerão não era domesticável; o problema é que perceber o perigo não basta para legitimar qualquer método.



Apenas Memória da Catástrofe?

A velha Europa olha para Trump como quem olha para um homem que entrou numa sala cheia de gasolina com um fósforo aceso na mão e, depois, estranha que os outros não aplaudam o gesto como demonstração de coragem.

Há hoje na Europa uma indignação ruidosa contra Donald Trump pela iniciativa de guerra destinada a travar o Irão. Em muitos círculos políticos, mediáticos e diplomáticos, a reacção é quase litúrgica: condenar a escalada, lamentar a imprudência, clamar pela diplomacia, pedir contenção, repetir em voz baixa as palavras mágicas da ordem liberal internacional, como se os mísseis obedecessem a fórmulas de salão e a história tivesse alguma delicadeza institucional.

Mas a pergunta incendeia-se por baixo da superfície polida: será esta oposição europeia puro sentido de responsabilidade, ou haverá nela uma dose robusta de medo,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

— é a imprevisibilidade

Convém começar pelo essencial: a recusa europeia não nasce apenas de simpatia pela paz. Nasce sobretudo da aversão ao caos. A Europa de hoje é uma civilização administrada. Respira regulamentos, pensa em rácios, mede riscos energéticos, calcula inflação, teme rupturas logísticas, e olha para qualquer guerra fora do seu controlo como um incêndio que pode chegar à sala de jantar. Não é uma Europa feita para ofensivas longas. É uma Europa feita para comunicados, cimeiras extraordinárias e declarações graves ditas diante de púlpitos elegantes.

Por isso, quando Trump avança para confrontar o Irão, muitos dirigentes europeus não vêem apenas uma ameaça iraniana: vêem sobretudo um presidente americano impetuoso, errático, pouco dado a consultas, e capaz de abrir uma frente militar sem lhes entregar um mapa político para o dia seguinte. O medo europeu, portanto, não é só do Irão. É também do método Trump: primeiro a explosão, depois o improvisado, e finalmente o pedido de solidariedade aos aliados, como se o incêndio comum apagassem a unilateralidade da faísca inicial.

E, no entanto, seria intelectualmente desonesto ignorar o outro lado da equação. O Irão está precisamente a mostrar ao

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

arma e da instabilidade como moeda diplomática — tudo isso revela um regime que entende a força não como excepção, mas como linguagem permanente.

O Irão não é um actor benigno à espera de compreensão europeia

Durante anos, uma parte das elites ocidentais tentou ler o Irão com os olhos da racionalidade administrativa europeia: um actor duro, sim, mas contível; agressivo, mas negociável; radical, mas enquadrável. Foi uma leitura cómoda, porque permitia adiar o problema. O Irão não precisava de ser vencido; bastava ser gerido. E assim, entre rondas diplomáticas, relatórios prudentes e frases sobre “equilíbrio regional”, foi-se permitindo a consolidação de um poder que nunca escondeu a sua hostilidade ideológica ao Ocidente e aos seus aliados.

O que agora se vê no Estreito de Ormuz é a versão nua dessa realidade: um regime sob pressão consegue ainda assim perturbar o comércio global, elevar preços de energia, condicionar aliados ocidentais e lembrar ao mundo que a sua capacidade de disrupção vale quase tanto como uma divisão blindada. O Irão não está a demonstrar moderação. Está a demonstrar alavancagem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

do século XX, essa professora severa que raramente é convidada para as conferências de imprensa, já explicou várias vezes que a complacência perante projectos de poder fanáticos costuma ser vendida como prudência até ao dia em que deixa de haver distância suficiente para a prudência.

Mas perceber o perigo não absolve a leviandade estratégica

Dito isto, reconhecer a ameaça iraniana não significa canonizar Trump como estadista infalível. Uma coisa é detectar um perigo real. Outra, muito diferente, é saber enfrentá-lo com inteligência estratégica. E aqui é que a peça americana tropeça no próprio ruído.

Uma guerra, para ser mais do que um impulso musculado, exige pelo menos quatro claridades: objectivo, limite, custo e desfecho. O que se pretende exactamente? Destruir capacidades militares? Forçar uma rendição política? Reconfigurar o regime? Garantir a liberdade de navegação? Impor dissuasão prolongada? Nenhuma destas perguntas suporta respostas ornamentais. Cada uma abre um abismo logístico, militar e diplomático.

Os europeus olham para esta confusão e vêem o espectro do Iraque, da Líbia, do Afeganistão e de todas as aventuras

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O problema é que essa memória europeia, por vezes legítima, degrada-se facilmente em doutrina da inacção. A prudência transforma-se em ritual de paralisia. A diplomacia deixa de ser instrumento e torna-se álibi. E o que deveria ser cálculo estratégico acaba reduzido à velha arte continental de adiar decisões até que a realidade as tome por nós.

A moral europeia gosta muito de parecer superior quando outro paga a factura militar

Existe ainda um elemento menos nobre nesta recusa europeia: a cómoda tradição de delegar a força nos Estados Unidos enquanto se preserva, internamente, a pose moral de quem paira acima da brutalidade do mundo. Durante décadas, boa parte da Europa habituou-se a viver sob guarda-chuva estratégico americano enquanto cultivava um discurso de reserva civilizacional, como se o poder duro fosse um vício americano e a virtude diplomática um monopólio europeu.

É uma divisão de papéis deliciosa: Washington faz o trabalho sujo, Bruxelas afina a consciência. Quando a força funciona, suspira-se em silêncio. Quando falha, convoca-se a indignação ética. Quando o petróleo flui, ninguém quer falar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

confrontação, segurança sem guerra e influência sem poder coercivo. É uma aspiração bonita, quase pastoral. O problema é que o mundo real não lê poesia institucional. Há actores que só respeitam custos. E Teerão, goste-se ou não, pertence a essa escola crua da história.

Então a Europa está errada?

Não totalmente. E esse é o ponto mais sério de todos. A Europa tem razão quando recusa ser arrastada para uma guerra aberta, mal explicada e estrategicamente nebulosa. Tem razão quando exige objectivos claros. Tem razão quando se recusa a transformar a emoção geopolítica de Trump numa obrigação automática para todo o espaço atlântico. Tem razão quando percebe que uma escalada mal calibrada pode incendiar mercados, sociedades e alianças.

Mas erra quando faz dessa recusa uma forma de cegueira moral perante o tipo de ameaça que o Irão representa. Erra quando confunde relutância operacional com superioridade civilizacional. Erra quando imagina que o tempo trabalha sempre a favor dos indecisos. O tempo, em geopolítica, costuma trabalhar a favor de quem testa limites — não de quem escreve resoluções.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

diplomática. O diagnóstico pode ser parcialmente certo e o tratamento profundamente arriscado. As duas coisas podem coexistir. O mundo raramente oferece a gentileza de escolher entre santos e monstros; quase sempre obriga a escolher entre graus diferentes de perigo.

Epílogo: entre a coragem e a lucidez

A Europa não deve seguir Trump de olhos fechados. Mas também não se pode esconder eternamente atrás da palavra “prudência” como quem se refugia atrás de um biombo num teatro em chamas. Há prudência legítima, há cálculo sensato, e há também o velho medo continental de assumir que certas ameaças só recuam quando encontram resistência real.

Se o Irão está a mostrar hoje o que pode fazer mesmo pressionado, a pergunta que fica não é apenas se Trump exagerou. A pergunta mais funda, e mais incómoda, é outra: quantos europeus estão realmente contra a guerra por sabedoria estratégica — e quantos estão apenas contra o risco de ter de pagar, decidir e combater num mundo onde a paz já não se sustenta com declarações solenes e gravatas escuras?

Porque, no fundo, a tragédia europeia contemporânea talvez seja esta: continua a querer colher os frutos da força

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

esperança de que ele devore os outros antes de nos devorar a nós.” [Winston Churchill]

REFERÊNCIAS

1. Conselho da União Europeia, *Foreign Affairs Council*, 16 de Março de 2026.

<https://www.consilium.europa.eu/en/meetings/fac/2026/03/16/>

2. Reuters, *Not our war: Europe says no to Trump*, 18 de Março de 2026.

<https://www.reuters.com/world/europe/not-our-war-europe-says-no-trump-2026-03-18/>

3. Reuters, *US intelligence warns Iran unlikely to ease Hormuz Strait chokehold soon*, 3 de Abril de 2026.

<https://www.reuters.com/world/middle-east/us-intelligence-warns-iran-unlikely-ease-hormuz-strait-chokehold-soon-sources-2026-04-03/>

4. Reuters, *Five EU finance ministers call for windfall profit tax on energy companies*, 4 de Abril de 2026.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Francisco Gonçalves

Co-autoria de **Augustus Veritas**

Fragmentos do Caos

Quando a cobardia se veste de prudência e a imprudência se mascara de coragem, sobra à história a tarefa ingrata de distinguir quem viu o perigo — e quem apenas acendeu o rastilho.

Legenda da imagem: No olho do furacão, a Europa hesita entre a prudência e a rendição, enquanto o mundo volta a lembrar que a história não poupa os indecisos.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

[Ebooks](#)

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)